

A PLURALIDADE ENTRE A DIVERSIDADE E A DIFERENÇA

– UMA RESENHA DA OBRA –

A pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil: sob o signo da pluralidade

Filipe Santos Fernandes¹

História da Educação Matemática no Brasil: sob o signo da pluralidade (Garnica, 2016) não é apenas um título informativo para a obra organizada por Antonio Vicente Marafioti Garnica. O livro, publicado pela Editora Livraria da Física em 2016, foi elaborado a partir de atividades desenvolvidas no II Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (II ENAPHEM), realizado em Bauru (SP) em novembro de 2014. A obra reúne trabalhos de autores que, a partir de olhares plurais para o Encontro, tecem diferentes considerações sobre a atualidade da pesquisa em História da Educação Matemática (HEM) no Brasil.

Que a História da Educação Matemática tem ganhado cada vez mais a atenção de pesquisadores e grupos de pesquisa em Educação Matemática não é qualquer novidade. Não é novidade, ainda, dizer que no crescente número de produções a pluralidade de temas e referências teórico-metodológicas aparece como forte marca, promovendo, inclusive, aproximações e distanciamentos entre certas abordagens. O que surge como novidade na obra, então, não é a evidência dessa pluralidade – o que, poderíamos dizer, é uma marca da humanidade e de suas práticas –, mas a maneira pela qual é compreendida e encarada nos textos que a compõem.

Em cada capítulo, há nuances de modos distintos de lidar com a pluralidade, que nomearei nesta resenha em termos de *diversidade* e *diferença*. Por um lado, podemos pensar a pluralidade em termos de diversidade, encarando-a como “um conjunto de variações contra um pano de fundo idêntico ou um conjunto de posições dentro de uma estrutura geral” (Biesta, 2013, p. 135). Aqui, a compreensão da pluralidade passa pela

¹ Doutor em Educação Matemática. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo (EduCampo).

afirmação de que dentro de uma estrutura geral que podemos denominar *História da Educação Matemática* perpassam diferentes práticas e praticantes. Por outro, podemos compreender a pluralidade em termos de diferença e, nesse sentido, considerar a “realidade de que nos diferimos [e de que somos, portanto, plurais] só enquanto a encontramos e a experienciamos – [...] enquanto ela nos confronta” (Biesta, 2013, p. 136). Como comenta Biesta (2013), levar a diferença a sério significa desistir da ideia de que podemos e devemos conhecer o outro antes de nos relacionarmos com ele. A compreensão da pluralidade como diferença passa, agora, pela afirmação de que uma estrutura geral que poderíamos denominar *História da Educação Matemática* é estranha na medida em que ela se estabelece em termos de conhecimento e epistemologia, e não em termos de responsabilidade e política. Entre essas duas compreensões da pluralidade, podemos fazer passar, mais ou menos intensamente, os capítulos da obra.

Na forte presença de um modo de pensar a pluralidade como diferença (isto é, em termos de responsabilidade e política), destacam-se, especialmente, dois capítulos e a introdução do livro, como veremos a seguir.

O primeiro dos capítulos² é escrito por Maria Laura Magalhães Gomes e aborda o movimento de constituição do campo da HEM no Brasil. Para tal discussão, a autora mobiliza três eixos: *comemorar*, *pertencer* e *problematizar*.

Em *Comemorar*, Gomes destaca não só a dimensão festiva do ENAPHEM permitida pela reunião dos pesquisadores em HEM do país, mas, ao restituir o sentido etimológico da palavra comemoração – *commeroratio*, “lembrar/recordar com” –, destaca a dimensão política da memória ou, dizendo de outro modo, o cuidado que devemos assumir na produção de “um lugar comum a ser habitado por todos os que comemoram” (p. 95), nossa identidade coletiva. Assumindo esse cuidado, a autora abre o segundo eixo do texto, *Pertencer*, no qual discute a necessidade de “explicitar e reafirmar esse tipo especial de aproximação dialógica entre Matemática, Educação e História”, um modo de singularizar o campo de pesquisa em HEM sem “obscurecer um componente essencial do nosso pertencimento” (p. 97), que é a Educação Matemática. A nós, pesquisadores em HEM, caberia problematizar nossas responsabilidades, colocando-nos de maneira responsiva e responsável diante das questões que emergem em nosso pertencimento à Educação Matemática. Surge no texto, então, a necessidade de *Problematizar*, o terceiro eixo da autora, que coloca como central a tarefa de pensar as contribuições da HEM para

² O ENAPHEM e a História da Educação Matemática no Brasil: comemorar, pertencer e problematizar (p. 93-103), de Maria Laura Magalhães Gomes.

os processos ligados à educação matemática, em uma direção mais formativa e menos instrumental. Ao final, o capítulo lança aos leitores uma questão: “como a pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil [...] vem trazendo contribuições no sentido de fazer avançar as compreensões de alunos e professores no âmbito da educação matemática em geral”? (p. 101).

O segundo capítulo³ a que me referi foi escrito por Antonio Miguel. Nele, reforça-se o contorno do termo *problematizar* – e, conseqüentemente, do desafio lançado por Maria Laura –, entendido como uma “condição indispensável para se avaliar a suposta natureza específica e idiossincrática das contribuições de nossas investigações para um campo tão política e ideologicamente conflitivo como é o campo da educação escolar no mundo contemporâneo” (p. 112). Assim, Miguel insinua modos outros de se ver e investigar a HEM, rompendo com a característica marcante do campo de centralizar práticas mobilizadoras de cultura matemática no interior das instituições escolares e acadêmico-universitárias, por meio de textos impressos, das práticas de leitura e escrita. Essa problemática do autor aparece, então, como um convite a olhar para como a matemática atua em processos históricos “como uma política de gestão e autogestão do corpo humano que participa ativa e corporalmente de diferentes jogos normativos de linguagem em diferentes campos e contextos de atividade humana” (p. 111), não exclusivamente aqueles relacionados ao conhecimento escolar ou escolarizado. O plural em HEM estaria pautado, então, no constante processo de diferenciação do campo, nos modos como dispomos e explicitamos a Matemática, a Educação, a História e suas vinculações.

Na direção desses dois capítulos – especialmente aquela que busca problematizar o campo de pesquisa em HEM –, encontramos também a introdução⁴ da obra, escrita por Wagner Rodrigues Valente. Ao buscar por diferentes elementos que evidenciaríamos possibilidades de tomar a HEM como uma disciplina científica, como eventos, revistas, grupos de pesquisa e comunidades político-institucionais, o autor, no “esforço da construção teórica de problemáticas não presentes em outras áreas” (p. 14), destaca a originalidade de nossos problemas como um desafio para a disciplinarização da HEM.

Entretanto e ao menos na leitura aqui proposta, há de se diferenciar o modo de tratar a elaboração desses problemas e sua originalidade entre os textos de Wagner, Maria

³ ENAPHEM o livro: *memórias da pele de uma comunidade* (p. 105-115), de Antonio Miguel.

⁴ *Introdução* (p. 11-18), de Wagner Rodrigues Valente.

Laura e Antonio Miguel. Ao passo que os dois últimos parecem reivindicar para a HEM a tarefa de construção de referenciais teórico-metodológicos singulares e de problemas que suscitem a invenção de modos próprios de pensar a Matemática, a Educação, a História e suas vinculações; o texto de Wagner, ao encontro de outros dois capítulos⁵, sugere o deslocamento de uma história “da educação matemática” para uma “história da educação” matemática (p. 15). Assim, a centralidade dos problemas e as diferentes bases teórico-metodológicas não estariam (apenas) nos desdobramentos das questões e relações estabelecidas no campo da Educação Matemática, mas (também) na afirmação da HEM como uma especificidade de um campo já constituído, a História da Educação. Note-se que essa diferenciação tem dois desdobramentos importantes: o primeiro, a defesa de Wagner pela produção de uma HEM que leve “em conta o diálogo com a produção dos historiadores da educação”; o segundo, o perigo sugerido por Maria Laura e Antonio Miguel de que, ao ajustar nossas questões a partir de um campo já consolidado, como o da História da Educação, podemos cair no reducionismo e considerarmos a educação e as práticas mobilizadoras de cultura matemática apenas em uma dimensão escolarizada – como, em minha leitura, ocorre usualmente nos trabalhos dos historiadores da educação. Esses dois desdobramentos, ainda que não sejam conflitivos, sugerem posturas diferenciadas de pesquisa.

Outros capítulos da obra, embora tangenciem a dimensão constitutiva do campo de pesquisa, focam mais intensamente um tratamento da pluralidade como diversidade, destacando práticas e praticantes em meio a estruturas gerais que dizem da pesquisa em HEM: dissertações e teses defendidas no país e seções coordenadas e mesas-redondas apresentadas no II ENAPHEM.

O capítulo⁶ escrito por Arlete de Jesus Brito e Maria Ângela Miorim chama a atenção para o processo de institucionalização da História da Educação Matemática no Brasil. Destacando que a aceitação das pesquisas em HEM por parte de Programas de Pós-graduação é atravessada por diferentes componentes da rede de poder, as autoras sugerem que o movimento de compreensão da institucionalização passa pela compreensão dessa

⁵ Os dois primeiros capítulos da obra, *A “nova” História Cultural* (p. 19-36), de Roger Chartier, e *História da Educação Brasileira e seus percursos* (p. 37-65), de Carlos Monarcha, trazem importantes discussões para pensar a história cultural, a história da educação e, em decorrência, a presença da matemática nesses contextos. Ainda que os dois capítulos tenham profunda relevância na obra, especialmente por mostrarem as possibilidades de diálogo da HEM com diferentes e importantes autores e referenciais, opto por não os mobilizar ao longo desta resenha. Isso porque o foco desta escrita é a pluralidade da pesquisa em HEM quando pensada por aqueles que a praticam, ou seja, por pesquisadores que, assumidamente, compõem e afirmam a existência desse campo de estudo e pesquisa. Ainda que acolha tais discussões e valorize sua importância na obra, inclusive as histórica e política, penso que elas não contribuiriam de modo tão evidente com as intenções desta resenha.

⁶ Trata-se do capítulo *A institucionalização da Educação Matemática* (p. 67-92), de Arlete de Jesus Brito e Maria Ângela Miorim.

rede de poder que permite e legitima a existência do discurso no espaço científico-acadêmico, reforçando, assim, as discussões sobre a dimensão política da HEM presentes em outros capítulos da obra.

Nessa direção, o texto propõe dois movimentos. No primeiro, discute-se a HEM como disciplina (ou componente disciplinar) em cursos de formação inicial de professores. Destaca-se nessa discussão a elaboração do Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que, no início dos anos 2000, não só propõem a HEM como uma disciplina do curso – o que poderia, por muitos, ser compreendido de modo isolado e estritamente conteudista –, mas como elemento que perpassasse diferentes competências da formação do futuro professor. No segundo movimento, as autoras propõem um panorama da pesquisa em HEM a partir de um olhar cuidadoso para dissertações e teses defendidas no Brasil entre os anos de 1984 e 2001. Aqui, há uma forte evidência da diversidade da pesquisa em HEM, já que as autoras, além de um mapeamento regional das produções no país, conseguem traçar cinco eixos temáticos presentes nessas produções: histórias da formação de professores de matemática; histórias de mudanças curriculares, métodos e práticas educativas em matemática; histórias de conteúdos e disciplinas escolares em diferentes níveis de ensino; histórias de artefatos didáticos relacionados ou dirigidos à educação matemática; e história de grupos culturais ou comunidades de prática envolvidos com educação matemática. Para cada um desses eixos, as autoras apresentam uma discussão que evidencia as principais abordagens e desafios das pesquisas desenvolvidas.

Outro capítulo⁷ que traz um panorama da pesquisa em HEM a partir de um olhar cuidadoso para certas produções é proposto por Maria Celia Leme da Silva, Claudia Regina Boen Frizzarini e Deoclelia de Andrade Trindade. Centradas na leitura dos trabalhos apresentados nas sessões coordenadas⁸ do evento a partir de questões norteadoras – como quem redige os trabalhos, os lugares em que foram produzidos, os diferentes níveis de ensino estudados e as temáticas investigadas, os períodos analisados e os conteúdos que se destacam nesses trabalhos, os lugares investigados, as fundamentações teórico-metodológicas e as fontes mobilizadas –, as autoras propõem um mapeamento que fornece importantes paisagens para a pesquisa em HEM.

⁷ Trata-se do capítulo *Sessões Coordenadas do II ENAPHEM: um laboratório de pesquisa em ação* (p. 135-158), de Maria Celia Leme da Silva, Claudia Regina Boen Frizzarini e Deoclelia de Andrade Trindade.

⁸ No evento, foram aprovados setenta e quatro comunicações distribuídas em diferentes sessões coordenadas, com três ou quatro trabalhos cada. Cada sessão contava com um comentador, que produzia um texto de compreensões a partir dos trabalhos apresentados na sessão. Os textos das comunicações, dos comentadores e das mesas-redondas podem ser acessados em: <<http://www2.fc.unesp.br/enaphem/anais/>>.

Dentre as tantas paisagens exploradas, destaca-se o expressivo número de participantes doutores e docentes de universidades, o que indica um distanciamento entre pesquisa e formação docente e a necessidade do campo de pensar ações como as de iniciação à pesquisa; o expressivo número de trabalhos do eixo Sul-Sudeste, que não só aponta para certas desigualdades históricas – que tocam, em geral, em questões de financiamento –, mas também para a necessidade de repensarmos o compartilhamento e a circulação das pesquisas; o grande número de investigações dedicadas ao ensino primário e à formação de professores, um possível desdobramento de projetos amplos e nacionais desenvolvidos por grupos de pesquisa em HEM – o que, segundo as autoras, pode funcionar em certa medida como “motor promissor e de grande impulso para o crescimento das pesquisas na área” (p. 146); a forte presença de estudos locais, que exploram certos estados, cidades ou instituições específicas; a diversidade de referenciais teórico-metodológicos e as suas aproximações; e o predomínio da mobilização de documentos oficiais e de entrevistas como fontes, ainda que se tenha, a partir análise realizada, outras fontes, escritas e orais, envolvidas nas pesquisas apresentadas no evento.

Luzia Aparecida de Souza e Heloisa da Silva analisam em seu capítulo⁹ os textos submetidos por cada participante para as mesas-redondas¹⁰ do II ENAPHEM. Ao descreverem, em linhas gerais, os temas, objetivos e discussões de cada mesa-redonda, as autoras têm o cuidado de articular as falas da mesa e construir pequenos novos textos que, sensíveis a diferentes vozes, busquem por outras necessidades e possibilidades. Assim, a ideia das autoras foi “perceber como essas mesas constituíram-se como espaço de problematização e como, nesse viés, potencializam outros movimentos nessa natureza em direções notadas ou não, exploradas ou não, pelos componentes das mesas-redondas do II ENAPHEM” (p. 132).

É importante notar como os três últimos capítulos aqui tratados, ao se debruçarem sobre diferentes registros, evidenciam a diversidade de temas e abordagens com as quais a pesquisa em HEM lida na atualidade. Ainda que nos textos essa diversidade seja utilizada menos intensamente para problematizar o próprio campo de pesquisa, há fortes indicações de que essa ação poderia ter sido desenvolvida, mas que, tendo em vista os objetivos de cada trabalho, não tomaria corpo nas discussões empreendidas.

⁹ *O nacional e o local nas mesas-redondas submetidas ao II ENAPHEM: das problematizações propostas e provocadas* (p. 115-134), de Luzia Aparecida de Souza e Heloisa da Silva.

¹⁰ No evento, foram apresentadas sete mesas-redondas com a participação de vinte e dois pesquisadores.

Além desses capítulos, compõem também a obra dois capítulos¹¹ que apresentam textualizações de entrevistas públicas realizadas durante o evento com três significativos atores da Educação Matemática: Lucília Bechara Sanchez, Renate Gompertz Watanabe e Ubiratan D'Ambrosio. A entrevista com Lucília e Renate foi conduzida por Maria Ângela Miorim e tratou de questões ligadas ao Movimento da Matemática Moderna, especialmente as ações do Grupo de Estudos do Ensino da Matemática (GEEM). A entrevista com Ubiratan D'Ambrosio, por sua vez, foi conduzida por Carlos Roberto Vianna e, ao lidar com aspectos da vida do pesquisador, buscou discutir questões da constituição do campo de pesquisa em Educação Matemática no país. Vale destacar, ainda, o cuidado na elaboração das textualizações, especialmente na construção de notas de rodapé que trazem importantes esclarecimentos e apontamentos junto às falas dos entrevistados.

Para concluir, gostaria de destacar a qualidade da obra, que não só apresenta uma síntese de temas e abordagens de um campo de pesquisa (nossa diversidade), mas que se constitui como importante registro e sistematização de questões que merecem ser enfrentadas por pesquisadores em HEM (nossa diferença). Talvez, no limite, o que esteja em jogo no livro seja a possibilidade de escovar as palavras de um evento buscando, nelas, clamores, oralidades e significâncias que possam ser remontadas...

Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma.

(Barros, 2003)

Referências

Barros, M. (2003). *Memórias inventadas*. São Paulo: Planeta.

Biesta, G. (2013). *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano* (R. Eichenberg, trad.). Belo Horizonte: Autêntica.

¹¹ Trata-se dos capítulos: *Memórias da Educação Matemática: "Tempos de Matemática Moderna"* (p. 159-182), que apresenta uma textualização, elaborada por Ivete Maria Baraldi, Bruna Camila Both e Erica Aparecida Capasio Rosa, da entrevista com Lucília Bechara Sanchez e Renate Gompertz Watanabe; e *Memórias da Educação Matemática* (p. 183-210), que apresenta uma textualização, elaborada por Maria Edneia Martins Salandim, Fabio Bordignon, Leandro Josué de Souza e Carlos Roberto Vianna, da entrevista com Ubiratan D'Ambrosio.

Garnica, A. V. M. (Org.). (2016). *Pesquisa em História da Educação Matemática: sob o signo da pluralidade*. São Paulo: Editora Livraria da Física.